


 FAMÍLIAS NUMEROSAS

Equipa radical

Os Pessoa de Carvalho cresceram entre as histórias contadas ao serão e o ritmo dos desportos radicais

Texto de **Ricardo Nabais**
Fotografias de **Rodrigo César**

FILHA única de um casal muito cedo divorciado, Ana Pessoa de Carvalho tinha um sonho: «Um dia, vou ter uma família diferente». Casou-se, 18 anos recém-feitos, com um engenheiro electrotécnico nove anos mais velho. Afinal, o sonho de Ana – ou Anita, como gosta, ainda hoje, mais de 50 anos depois, de ser tratada pelos próximos – iria concretizar-se, pois era partilhado. «Queríamos ser felizes e aposentámos nisso».

Tiveram 10 filhos. Hoje, não tem mãos a medir com 28 netos e três bisnetos, que se reúnem com regularidade em sua casa, na Foz do Arelho (Caldas da Rainha), quer vivam ou não perto da matriarca. Com o tempo, a família acabou por ser uma razão de fé. «Tem piada, porque, nessa altura, eu não era sequer católica praticante e o meu marido nem por sombras». Apesar do casamento seguir a celebração convencional, na

Igreja, a convicção católica viria mais tarde.

A importância da família como um lugar de fé abriga toda a estirpe de Ana Pessoa de Carvalho. À semelhança da matriarca, cabe às mulheres o papel de guardiãs do lar. Quase todas optaram por ficar em casa. Ou então, seguindo o rumo dos tempos, partilham a atenção aos filhos com empregos que, dizem, não lhes exigem muito tempo. Rita, uma das filhas do meio, é mãe de quatro rapazes. É secretária de administração nos Hospitais Privados de Portugal.

Prole radical

Isabel, outra das filhas, reafirma a convicção católica e a educação que trouxe de casa como motivos para a decisão de ter seis filhos. «Achei sempre que iria ter muitos filhos. Até estudava sem interesse nenhum, uma vez que não ia trabalhar». Maria da Conceição, a mais nova, tinha sempre →



Ana Pessoa de Carvalho, em primeiro plano, com um pequeno grupo da família, em mais uma das tradicionais reuniões na sua casa na Foz do Arelho. Grande parte da família vive nas proximidades e não dispensa estes encontros. Ao todo são 10 filhos, 28 netos e três bisnetos



‘Achei sempre que iria ter muitos filhos. Até estudava sem interesse nenhum, uma vez que não ia trabalhar’, **confessa Isabel**



A matriarca é um forte elo de coesão da família; em cima, à dir., com o grupo de filhas mais velhas; em baixo, o casamento de Rita, uma das filhas do meio, no Verão de 1980



resposta pronta, desde criança, à pergunta inevitável. **«Quando me perguntavam o que eu queria ser, respondia ‘mãe’».**

Paulo é também espelho da organização familiar. É ele quem trabalha fora, numa empresa de organização de eventos que opera na região das Caldas da Rainha. De Maio a Setembro, a sua vida é um corupio, entre a organização de festas, concertos e até corridas de toiros. Lamenta, por isso, a falta de tempo para os quatro filhos, três na adolescência e um de três anos. Os toiros fazem parte da vida

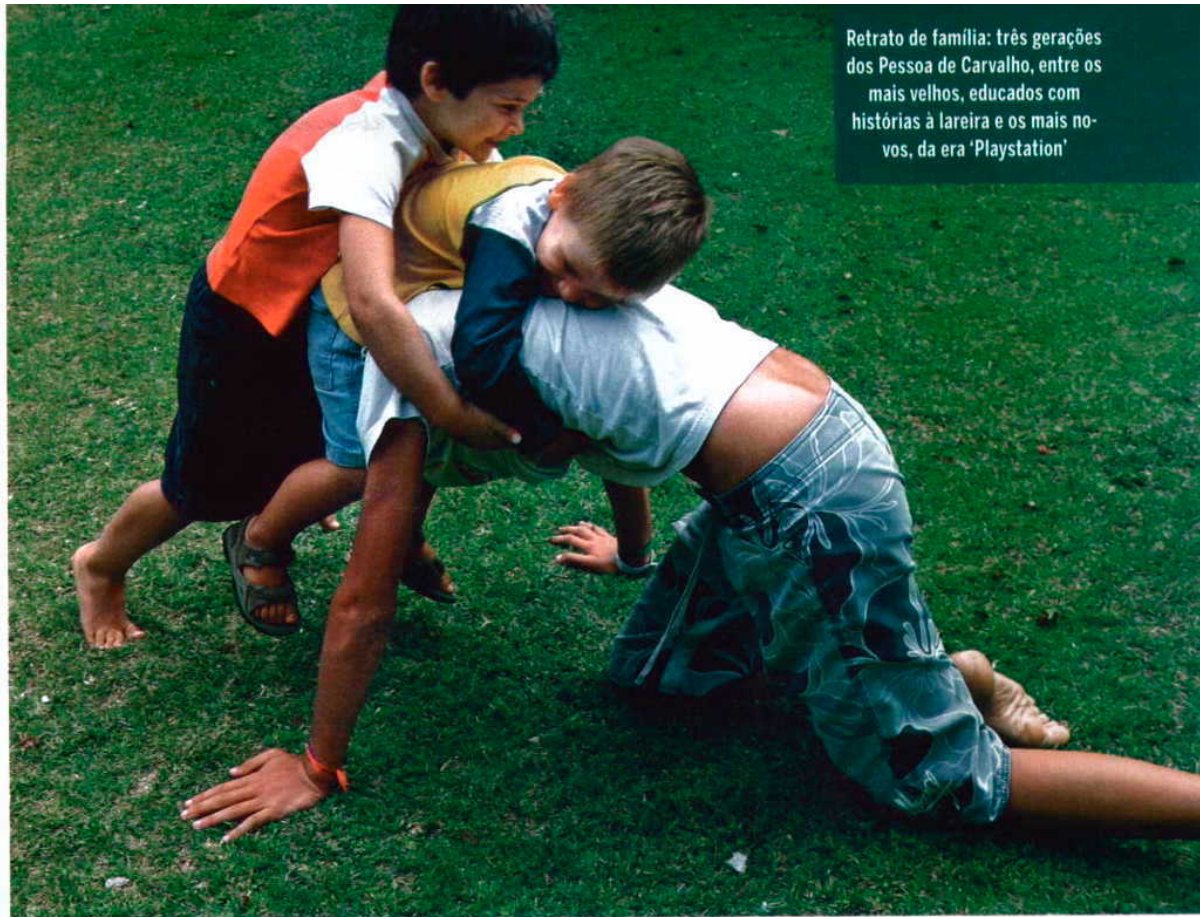
de alguns dos descendentes. Uns são forçados. Outros não desprezam desportos radicais, como os filhos de Isabel, que seguem a vocação aventureira de Gil, o pai, também ele um ex-forçado. Ana recorda-se de uma conversa que teve com ele, a propósito dos riscos desta ocupação. **«Ele disse-nos que era realmente perigoso ser forçado e que iria sair. Então perguntei-lhe o que ia fazer».** A resposta foi pronta – ia passar a saltar de pára-quedas. O primeiro salto é que não lhe saiu bem. O pára-quedas tinha um furo e ele caiu. Isabel recorda-se da cena – estava so-

zinha, com os filhos e muitos sobrinhos a assistir. Cheio de sangue frio, Gil acabou por ser levado, impávido, para a ambulância, de perna partida, seguido por um séquito de crianças até ao hospital. Isabel não se livrou de outros sustos do género. Um dos filhos, Bernardo, decidiu explicar-lhe, na prática, em que consistia o parapente. **«Quando o vi a atirar-se de umas rochas, desatei aos berros: ‘Não sou masoquista, vou-me embora, não quero ver’».** Os orçamentos familiares são outra das dificuldades evidentes de todos. Faltam incenti-

vos, como maiores deduções de impostos, especialmente numa época em que tanto se fala na crise de natalidade em Portugal.

Histórias ao serão


Ana é testemunha das mudanças profundas entre duas gerações. Recorda-se de quando a família abdicou da televisão na casa da Foz do Arelho e de como a chegada do primeiro aparelho levou os netos a desinteressarem-se das suas histórias, contadas ao serão. É um dom que sempre teve e que até a levou a publicar, em livro, alguns contos infantis.



Retrato de família: três gerações dos Pessoa de Carvalho, entre os mais velhos, educados com histórias à lareira e os mais novos, da era 'Playstation'



Os toiros fazem parte da vida de alguns membros da família, que são forçados. Outros não desprezam desportos radicais, como os filhos de Isabel, que seguem a vocação do pai

A concorrência das *Playstations* e de outros *gadgets* actuais é demasiado forte. Tal como a desenvoltura excessiva de certos netos, que Paulo lamenta, por vezes. «Por um lado, o à-vontade é bom, mas, por outro, nunca me lembro de ter levantado a voz aos meus pais», queixa-se. Neste caso, tem a palavra a experiência da matriarca, boa conselheira de todos. «A única coisa que eu tenho a certeza que vale a pena na educação é dar-lhes o amor de que somos capazes, mas um amor exigente e doce». 

Produção Paula Calisto